

## Entre a História, a Literatura e a Bibliografia: a Interdisciplinaridade da História do Livro

Bruna Braga Fontes, USP<sup>1</sup>  
Verônica Calsoni Lima, USP<sup>2</sup>

### Resumo

Eminentemente interdisciplinar, a História do Livro se constituiu a partir de reflexões provenientes da História, da Bibliografia, da Literatura e de áreas afins. No presente artigo, visamos apresentar um breve panorama das perspectivas e métodos de trabalho com o livro enquanto objeto, focando-nos particularmente nas correntes Anglo-Saxãs e Francesas. Paralelamente, buscamos destacar algumas das diferentes abordagens operadas desde meados do século XX e as contribuições de outras disciplinas para a configuração desse campo de estudo.

**Palavras-chave:** História do Livro, Historiografia, Metodologia, Interdisciplinaridade.

### Abstract

Especially interdisciplinary, Book History was conceived based on perspectives from History, Bibliography, Literature and areas akin. The present article aims to present a short panorama of which approaches and methods are used when working with books as objects, mainly focusing on Anglo-Saxon and French theories. Also, this article proposes to highlight some analysis made since mid-20th century and the contribution from other disciplines in the making of this research field.

**Keywords:** Book History, Historiography, Methodology, Interdisciplinarity.

### Introdução

Podemos caracterizar a História do Livro a partir de duas diferentes perspectivas: a dos objetos e a dos objetivos. A primeira nos traz a importante pergunta do que viria a ser o objeto, isto é, o “livro”. A segunda, dos objetivos, nos leva a discutir onde queremos chegar, ou seja, quais seriam as perguntas que estaríamos fazendo às nossas fontes. Ao longo dos últimos 50 anos - principalmente a partir das correntes Anglo-Saxãs e Francesas -, muito se discutiu a respeito dessas duas perspectivas. Buscaremos traçar, ao longo de nosso artigo, um panorama de alguns dos principais debates ocorridos, de modo a refletirmos sobre o papel que a interdisciplinaridade teve em direcionar esse campo de pesquisa. Nossa escolha em focar nas trajetórias anglófonas e francófonas da História do Livro se dá por entendermos que,

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de História Social da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Adone Agnolin, atualmente realizando pesquisa independente em Boston, EUA.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de História Social da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Torres Megiani e do Prof. Dr. Luís Filipe Silvério Lima. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2017/06970-2. Visiting Research Fellow do Departamento de História do Goldsmiths College (University of London, UK), sob a supervisão do Prof. Dr. Ariel Hessayon, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2018/03730-3. Visiting Research Fellow da Chetham's Library (Manchester, UK).

embora estas tenham sido fundamentais para as interpretações e para a formação da disciplina no Brasil e em outros países, muitas vezes essas obras circularam de forma restrita e acabamos por acessar aos intensos debates de modo parcial e incompleto.

O nascimento da História do Livro como disciplina autônoma aconteceu recentemente, de forma gradual e associada a diferentes áreas da História, Literatura e Bibliografia. De acordo com o historiador Robert Darnton, o campo “[...] surgiu da convergência de diversas disciplinas num conjunto comum de problemas, todos relacionados com o processo da comunicação”. Finkelstein e McCleery<sup>3</sup> descreveram a História do Livro como “[...] uma parte integral da história da comunicação humana”<sup>4</sup>, a qual se baseia na combinação de ferramentas e questões derivadas de diferentes áreas como os estudos literários, históricos e de comunicação (DARNTON, 2010, p. 122; FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2013, p. 27 - 28).

Voltando às nossas duas perspectivas iniciais, de objeto e objetivo, e associando-as com a origem interdisciplinar, Finkelstein e McCleery apontam dois importantes conceitos que estão intrinsecamente associados à História do Livro: o de “texto” e o de “mídia”. O texto pode ser entendido como um documento escrito, que assume diferentes formas de mídia, como livros, revistas, jornais ou sites. Sua função seria comunicar, narrar e entreter. Já no caso da mídia, podemos entendê-la como “o termo genérico” dado a forma material do texto, ou seja, a forma física na qual este texto se encontra (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2013, p. 2 - 3).

Os estudos realizados nas diferentes disciplinas, as quais têm como objeto o “livro”, em seu sentido mais amplo, acabavam por dar maior destaque ou ao texto, ou à mídia. Podemos pensar que o objeto inicial da História do Livro era o livro impresso. Entretanto, como iremos demonstrar ao longo do artigo, os objetos e as perguntas feitas a eles foram se expandindo e diversificando junto à disciplina. Os objetos passaram a ser mais variados, incluindo o livro manuscrito, os panfletos, os jornais e até os textos digitais. Tanto para pesquisadores das Letras - como Walter Ong e Marshall McLuhan - e da Antropologia - como Jack Goody -, a História do Livro passou a se fundamentar a partir dos grandes momentos da história da comunicação ocidental: as culturas oral, manuscrita, impressa e computacional (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2013, p. 17).

---

<sup>3</sup> David Finkelstein, Professor da Universidade de Dundee, e Alistair McCleery, Professor na Universidade Edinburgh Napier, possuem formação na área da Literatura, focando-se nos estudos de edição e impressão na Escócia.

<sup>4</sup> “[...] as an integral part of the history of human communication”. Tradução livre (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2013, p. 28).

Analogamente, pensamos que a proposta da historiadora Leslie Howsam, de um triângulo interdisciplinar, aborda as principais áreas que contribuíram para formar o que hoje chamamos de História do Livro: Literatura, História e Bibliografia. A História do Livro viria a combinar as diferentes ênfases, questões e métodos dessas disciplinas das formas mais variadas. Para a autora, essas três áreas estudavam o livro como objeto, a partir das questões, demandas e ferramentas específicas das suas disciplinas. O foco primário da História seria na agência, no poder e na experiência social. Já no caso da Bibliografia, os estudos se concentrariam na materialidade dos objetos e dos documentos. Enquanto a Literatura destacaria os aspectos textuais e críticos (HOWSAM, 2006).

Howsam aponta algumas possíveis pesquisas originárias da combinação dessas três diferentes áreas. Por exemplo, a História Cultural poderia ser vista como um engajamento conjunto de ferramentas das áreas de História e Análise Literária. Outra possibilidade seria a História Literária, a qual difere tanto da História quanto do Criticismo Literário, pois vai além de um entendimento do passado ao buscar compreender a complexidade das obras. Entre os estudos da História e da Bibliografia estariam as pesquisas sobre livros específicos, editoras, o comércio do livro, entre outros temas. Entre a Bibliografia e a Literatura poderiam estar a Sociologia dos Textos, os estudos de autoria e composição, a leitura e a bibliografia de autores. Já no espectro História/Literatura, temos a História Cultural, a História Literária, as Teorias de Recepção e os Estudos de Gênero (HOWSAM, 2006, p. 16 - 18). Algumas dessas correntes serão apresentadas nas próximas páginas.

### **A Revolução do Livro Impresso**

Comumente, a historiografia identifica a inauguração dos estudos sobre o livro com a publicação de *L'Apparition du Livre* do historiador Lucien Febvre e do bibliógrafo Henri-Jean Martin em 1958. Entretanto, a incursão dos dois pesquisadores franceses data de décadas anteriores. Febvre já havia apresentado seus interesses com a escrita, os textos e os livros em 1939, quando publicou o artigo “La Civilisation écrite. Le livre, les journaux, les bibliothèques” na coleção *La Civilisation de l'écrit*, organizada por Julien Cain. Posteriormente, em 1952, Febvre chamou atenção para a necessidade de os historiadores se voltarem para a Literatura e a Bibliografia como questões de análise, demonstrando sua preocupação com o estudo das mentalidades. O autor publicou uma nota na *Revue des Annales d'Histoire Économique et Sociale* sobre como esses campos ainda eram negligenciados entre os historiadores. A proposta de Febvre fazia parte dos anseios das

discussões de renovação da História, ancorada na proposição de uma história-problema oposta à estaticidade das tradições historicistas e factuais; e na ênfase nos campos social e econômico (MOLLIER, 2004; BARBIER, 2009).

Entre 1953 e 1957, Febvre e Martin iniciaram a pesquisa e a redação do extenso *L'Apparition du Livre*. A obra narrava a trajetória do livro na Europa em detalhe, abordando as técnicas envolvidas na produção de papel; a escrita dos manuscritos; o desenvolvimento da prensa de tipo móvel; os sujeitos envolvidos em todo esse processo; o comércio e a distribuição dos livros; e, por fim, os impactos e consequências do uso da impressão na Época Moderna. Perpassando esses aspectos, Febvre e Martin buscavam demonstrar como o impresso teria conseguido ultrapassar os limites do manuscrito devido à rapidez e ao volume de sua produção e distribuição. Os autores viam o “aparecimento do livro (impresso)” como um fator fundamental para a transformação das sociedades ocidentais nos séculos XV, XVI e XVII; ou, em suas palavras, como um “fermento” (FEBVRE; MARTIN, 2000).

Essa visão sobre um suposto aspecto revolucionário da imprensa foi potencializada por pesquisas posteriores como as realizadas por Marshall McLuhan e pela historiadora americana Elizabeth Eisenstein nos anos 1960 e 1970. A obra *A Galáxia de Gutenberg* (1962), de McLuhan, propôs a ideia de uma revolução impressa europeia com impacto social, científico, religioso e cultural. Já *The Printing Press as an Agent of Change* (1979), de Eisenstein, seguindo a mesma direção de McLuhan, se tornou uma referência sobre o processo da inserção da prensa na Inglaterra dos séculos XVI e XVII (MCLUHAN, 1972; EISENSTEIN, 1979; DONDI, 2013, p. 80).

McLuhan destacava o impacto disruptivo da escrita e da impressão nas formações culturais orais, de modo que a natureza privada da leitura dos textos impressos, resultantes da uniformidade que acompanharam a invenção de Gutenberg, acabaram por alterar os padrões de interação humana. Desta forma, o autor argumentava que esses processos reformularam o discurso e a consciência humana de oral para escrita (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2013, p. 17-43). Para Howsam, McLuhan contribuiu para a História do Livro ao conectar a mídia à mensagem, de modo a estruturar uma fórmula baseada em um determinismo tecnológico. McLuhan também foi responsável por introduzir o conceito de “cultura impressa”, a qual, para o autor, veio a significar o fim de uma “cultura manuscrita”. Os impressos teriam, com seus tipos móveis, permitido a produção e replicação em grande escala de uma versão estandardizada ou fixa de um texto (HOWSAM, 2006, p. 48-65).

Tanto as teses de Eisenstein quanto de McLuhan estão muito relacionadas à tecnologia da impressão. Eisenstein aprofundou o argumento a respeito dos tipos e de uma fixação dos textos, apontando a impressão como uma revolução tecnológica que teve importantes implicações sociais, políticas, culturais e religiosas. A autora apontava que essa invenção tecnológica possibilitou a revolução científica, mobilizou a Reforma Protestante e auxiliou na propagação das ideias renascentistas (HOWSAM, 2006, p. 65-67; ELIOT, 2017).

A concepção do caráter revolucionário da invenção de Gutenberg inaugurou um extenso debate a respeito do livro impresso. Nas décadas subsequentes à inauguração do campo de pesquisa e das discussões iniciadas por Febvre, Martin, Eisenstein e McLuhan, uma profusão de histórias e bibliografias nacionais foi produzida. Muitas delas realizadas graças ao exaustivo trabalho coletivo de historiadores, bibliógrafos, sociólogos, estudiosos das Letras, entre outros (RAVEN, 2017). Compêndios como o *The Oxford Companion to English Literature* de Margaret Drabble já eram publicados desde o início do século XX, mas a efervescência das discussões a respeito do impresso, do manuscrito e dos agentes envolvidos na produção textual estimulou novos trabalhos. Exemplos disso são as publicações de *Livre et Société dans la France du XVIII<sup>e</sup> siècle* entre 1965 e 1970, organizado pelos pesquisadores da *École Pratique de Hautes Études*; de *Histoire de l'édition française*, coordenada por Roger Chartier e Henri-Jean Martin entre 1982 e 1986; e dos diversos *companions* britânicos sobre literatura, romance, poesia e teatro.<sup>5</sup> Essa efervescência dos estudos sobre o livro como objeto originaram novas discussões, revisões e propostas teóricas e metodológicas que demarcaram a autonomização do campo da História do Livro.

### **A História do Livro como Disciplina Autônoma**

Como visto anteriormente, os estudos sobre os textos e livros datam de períodos muito recuados no tempo. No entanto, como observado por David Finkelstein e Alistair McCleery, o surgimento da História do Livro como disciplina independente é recente (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2006). Um marco inaugural teria sido a publicação, em 1982, do artigo “O que é a história dos livros?” de Robert Darnton. Nele, o autor americano caracterizou o objetivo da disciplina como “[...] entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como

---

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, textos fundamentais como: DRABBLE, Margaret. **The Oxford Companion to English Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1932. FURET, François; ROCHE, Daniel; BOLLÈME, Geneviève [et al.]. **Livre et Société dans la France du XVIII<sup>e</sup> siècle**, Vols. 1 & 2. Paris: Mouton, 1965-1970. CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (org.). **Histoire de l'édition française**. Tomes 1, 2, 3 & 4. Paris: Promodis, 1982-1986. DAICHES, David (ed.). **The Penguin Companion to English Literature**. London: Penguin, 1969.

o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade nos últimos quinhentos anos.” (DARNTON, 2010 [1982], p. 122). Tal empreitada foi possível devido à interdisciplinaridade inerente à História do Livro.

Ainda mais marcante do que essa definição de Darnton foi a elaboração de seu “circuito de vida dos livros”. Partindo da abundante documentação presente nos arquivos da *Société Typographique de Neuchâtel*, o historiador analisou todo o processo de produção e difusão das *Questions sur l’Encyclopédie* de Voltaire, identificando os sujeitos que participaram das diversas etapas de publicação. Com sua proposta, Darnton demonstrou maior foco nos agentes do mercado livreiro (autores, papelheiros, tipógrafos, encadernadores, livreiros, leitores, entre outros) e nas estruturas e dinâmicas que faziam com que os livros circulassem (DARNTON, 2010).

Darnton, assim, minimizou o olhar sobre os aspectos materiais dos textos analisados. Contudo, o autor não negligenciou os aspectos gráficos dos livros que estudou, mas só os mobilizou na medida em que auxiliavam na compreensão do circuito comunicativo que visava retratar. Nesse sentido, a identificação do tipo de papel, por exemplo, era importante porque evidenciava conexões e rotas comerciais fundamentais para o estudo das imbricações entre os diferentes agentes que compunham o mercado livreiro.

Essa tendência de Darnton apontava para um momento de renovação dos estudos bibliográficos. Não interessava apenas enumerar e descrever os textos, mas acessar a materialidade como forma de estabelecer uma análise mais complexa das obras escritas, impressas, publicadas e lidas. Grande expoente dessas novas perspectivas foi o bibliófilo neozelandês D. F. McKenzie, cuja mais conhecida obra é *Bibliography and the Sociology of Texts* (1986), na qual apontava para um alargamento dos interesses tradicionais da bibliografia. O autor destacava a importância dos aspectos culturais e sociológicos dos textos, apontados pela “Nova Bibliografia”. Afastando-se dos estudos puramente voltados para a compreensão da intenção autoral, da autoridade textual e da originalidade autoral, McKenzie chamou atenção para as questões de disseminação e leitura, a partir das implicações econômicas e políticas, e da interação do texto com a sociedade (MCKENZIE, 2018, HOWSAM, 2006, p. 21, FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2013, p. 7).

McKenzie questionava a visão tradicional da confecção textual, na qual os textos eram feitos pelos compositores e impressores em padrões e modos consistentes, o qual acabava por fortalecer a ideia do texto impresso como fixo e uniforme, a não ser em casos de erros, os quais eram considerados corruptores das intenções autorais. A produção do texto passou a ser

vista como diretamente dependente das condições em que foram fabricados, se distanciando, por um lado, da antiga Bibliografia e, por outro, dos estudos quantitativos e de longa duração da história da publicação e da impressão. Ele propunha uma reflexão em que os textos fossem vistos como produtos mediados que portavam traços de seu contexto econômico, social, estético e literário (MCKENZIE, 2018; FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2013, p. 9-11).

As relações entre a materialidade e a textualidade também foram objeto de estudo de do teórico literário francês Gérard Genette em 1987. Seus *Paratextos Editoriais* se centravam no exame de tudo que “circunda” o texto, isto é, os chamados *peritextos* e *epitextos*. Os peritextos são provenientes da escolha direta e principal dos editores, tais como as capas, frontispícios, folhas de rosto, tipo de papel, fonte, entre outros detalhes que escapam aos autores. Já os epitextos não compõem o objeto físico do livro. Tratam-se, por exemplo, de resenhas, comentários e propagandas que circulam em outros suportes. Todos esses elementos, de acordo com Genette, são fundamentais para a compreensão dos textos, bem como de seus contextos de produção, circulação e recepção (GENETTE, 2009).

Perspectivas como as de Darnton, McKenzie e Genette foram fundamentais para a elaboração de estratégias de trabalho com o livro. Seus métodos evidenciaram a pluralidade e a polissemia do objeto livro. As palavras, os atributos materiais, os processos e as dinâmicas envolvidas na produção e distribuição dos textos eram igualmente indispensáveis para uma reflexão aprofundada a respeito das formas pelas quais ideias e discursos são comunicados pela escrita.

### **Revisão dos Pressupostos**

As propostas dos anos 1980 fomentaram debates mais complexos que, agora, partiam da concepção de uma História do Livro autônoma, com teorias e métodos próprios. Desde então, inúmeros artigos, livros e periódicos foram publicados exclusivamente para tratar sobre o assunto. As coleções e compêndios passaram a incluir “História do Livro” em seus títulos, ressaltando a especificidade do campo. Ao mesmo tempo, cada vez mais grupos e núcleos de pesquisa se desenvolveram proficuamente (RAVEN, 2017).

Foi nesse contexto de ampliação da disciplina que algumas revisões foram feitas e diversos pressupostos foram problematizados. A questão da revolução do impresso foi um dos temas de grande discussão a partir da década de 1990, partindo principalmente de autores que estudaram a produção manuscrita na Época Moderna, como os pesquisadores das Letras, Harold e Henry Woudhuysen, e o historiador Adrian Johns. Podemos pensar também que

estes novos questionamentos surgiram a partir da influência dos estudos bibliográficos, da produção literária das mulheres e do novo historicismo (LOVE, 2001; JOHN, 1998; WOULDHUYSEN, 2003).

Os apontamentos de Eisenstein sobre a hegemonia de uma “cultura impressa”, entre 1490 e 1688 também foram questionados e revisados, sobretudo, por Johns e Love. Adrian John, em *The Nature of the Book*, destacou a construção cultural sobre a imprensa, colocando o papel da tecnologia da impressão em segundo plano (JOHNS, 1998). Já Harold Love, em sua obra *Scribal Publication in Seventeenth Century England* (1993), pesquisou a produção e circulação de manuscritos na Inglaterra do século XVII, dando especial atenção ao período da Restauração. Nessa obra, o autor argumentava que a circulação manuscrita não era mobilizada apenas como forma de evitar a circulação pública, nem era um meio em declínio. Os estudos realizados por Love demonstram que, contrariamente à ideia de diminuição da produção manuscrita, o século XVII foi o pico da manuscritura (LOVE, 2001; TENGER; TROLLANDER, 2010, p. 1036).

Podemos pensar que, dada a uma maior aproximação da corrente anglófona da História do Livro com os estudos bibliográficos - principalmente com as contribuições de McKenzie, somado a perspectiva voltada aos avanços tecnológicos de Eisenstein e McLuhan -, faça sentido que grande parte da discussão tenha se voltado para a materialidade do texto, como fica explicitado no debate entre manuscritos e impressos.

De outro lado, Roger Chartier também renovou o campo de pesquisas com suas propostas de análise. Tendo desenvolvido seus estudos entre Pierre Bourdieu, Michel de Certeau, Henri-Jean Martin e Lucien Febvre, ao mesmo tempo em que se inteirava acerca dos trabalhos produzidos no mundo anglófono, especialmente os de D. F. McKenzie, Chartier alinhou as perspectivas sociais, econômicas, políticas, culturais, materiais e textuais, contribuindo para o que denominou como “história social da cultural” ou “história cultural da sociedade” (CHARTIER, 2002).

Para o autor, é necessário ir além dos estudos sobre os processos de produção e disseminação dos textos, é preciso alcançar a leitura. Por meio da reflexão a respeito das concepções dos leitores implícitos - ou seja, para os quais os escritores e editores compõem as obras - e do leitores “reais” seria possível complexificar as análises. Para isso, ele sugere recuperar as práticas leitoras a partir da categoria de “apropriação”, segundo a qual, seria possível compreender os usos dados aos textos ao longo do tempo. Ainda que os autores e editores possam tentar guiar a leitura, o público, por sua vez, não é estático ou passivo. Os

leitores ativamente interpretam as palavras à sua maneira. Dessa forma, um trabalho que se preocupe com as práticas culturais da sociedade deveria, conforme Chartier, “[...] considerar necessariamente essas intricacões e reconstruir trajetórias complexas, da palavra proferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora”. (CHARTIER, 2002, p. 136).

A leitura adentrou o campo das grandes preocupacões da História do Livro. Robert Darnton, que já havia citado os leitores em seu artigos de 1982, reviu suas abordagens em uma nova publicacão em 2007 (traduzida para o português no ano seguinte), e deu maior enfoque à leitura. Reformulando sua concepçã sobre o escopo da História do Livro, o autor propôs aos “[...] historiadores dos livros que confrontem três questões: 1) como é que os livros passam a existir?; 2) como é que eles chegam aos leitores?; 3) o que os leitores fazem deles?” (DARNTON, 2008 [2007], p. 155).

Na ocasiã, o autor reconheceu as especificidades do caso estudado por ele e indicou questões a serem exploradas e adensadas, tais como o lugar ocupado pelos manuscritos nesse circuito, bem como as peculiaridades de outros materiais impressos, como panfletos, jornais e outros textos efêmeros, cujos circuitos de produçã e difusã diferem daquele espelhado em uma noçã mais restrita de “livro” (DARNTON, 2008).

Vale ressaltar que, embora seu circuito não seja adequado para descrever todo o universo do livro, precisamos reconhecer sua importãncia enquanto exercíco de análise. Darnton compôs um diagrama que representava o movimento e as dinâmicas do processo editorial que estudou, realçando as conexões presentes no mercado livreiro, bem como as complexidades, tensões e relações estabelecidas com o contexto social, econômico e político. Se tomarmos a operaçã de Darnton como um exemplo de abstraçã e teorizaçã a respeito daquilo que se observa com o trabalho empírico com as fontes, seu modelo parece essencial. Ele não deve ser visto como um esquema a ser seguido, mas como um exemplo de como mobilizar as fontes na História do Livro.

### **Além do Códice e Além da Europa**

Após essa efervescência da História do Livro, o campo não deixou de crescer. Perspectivas inovadoras surgiram, salientando para a necessidade de irmos além dos suportes materiais mais convencionais (como o códice). Nesse sentido, o trabalho de Fernando Bouza é fundamental. O historiador espanhol teorizou sobre o que chama de “tríade comunicativa”. Para ele, em seus estudos sobre a circulaçã de ideias no *Siglo de Oro* da Espanha, não basta

examinar os escritos, mas todos os dispositivos comunicativos operantes na sociedade e que faziam com que as ideias fossem transmitidas e compreendidas. Sendo assim, ele mobilizou os escritos impressos e manuscritos, as imagens e os discursos orais em sua pesquisa, de modo a tentar explorar a complexidade da produção e da recepção das diferentes informações (BOUZA-ALVAREZ, 2002).

Outras pesquisas chamaram atenção para a necessidade de fazer uma História do Livro que não seja puramente eurocêntrica. O livro é um objeto fundamental para análises que ultrapassam fronteiras, pois ele circula, é lido, relido, traduzido, repassado e ressignificado. Embora a “revolução do impresso” tenha começado na Europa Moderna, ela se difundiu pelo globo, sendo adaptada às necessidades e aos contextos de cada local. Foi considerando esse aspecto, por exemplo, que Marina Garone Gravier, designer gráfica e historiadora da arte (Universidad Nacional Autónoma de México), desenvolveu um importante estudo a respeito da chegada das prensas na América Latina, demonstrando como foi necessário adequar os tipos latinos para imprimir textos em línguas indígenas. Emendas, sobreposições e posicionamentos diversos dos tipos foram algumas das estratégias utilizadas por impressores que se confrontaram com essa questão ao chegarem no ambiente colonial (GARONE GRAVIER, 2010).

A tipografia, como abordado anteriormente por Nelson Werneck em *História da Imprensa no Brasil* (1966), fora fundamental na cristianização dos povos autóctones da América. Textos impressos foram amplamente utilizados por jesuítas e outros missionários durante a colonização, contudo, Werneck enfatizou que as prensas só foram trazidas para o Novo Mundo quando os conquistadores se defrontaram com sociedades “avançadas”. Weneck sublinhou que a prensa tipográfica chegara no México e no Peru no século XVI, na América Inglesa no XVII, e na América Portuguesa apenas no XVIII, pois “[...] não se tratava de comunidades primitivas, na idade da pedra lascada, como no Brasil, mas de culturas já em nível adiantado de complexidade. Essas culturas precisavam ser destruídas e substituídas [...]” (WERNECK, 2004 [1966], p. 11). Assim, o historiador afirmava que os portugueses não tiveram a necessidade de implantar prensas ou universidades tão cedo, mas sim de explorar o espaço por conta de suas riquezas.

Embora as afirmações de Werneck tenham sido revistas, grande parte das reflexões a respeito do livro no Brasil centraram-se nos períodos nos quais havia prensas no Brasil, negligenciando a circulação de textos anterior ao século XVIII. Exemplo disso é o intenso estudo do brasileiro Laurence Hallewell *História do Livro no Brasil* (publicado em inglês

em 1982, traduzido para o português em 1985), cujo foco era a circulação, o comércio e a produção de livros desde o século XVIII. Mesmo a sua posterior reedição em 2005, com muitos acréscimos, não incluiu experiências mais recuadas no tempo (HALLEWELL, 1985; HALLEWELL, 2005). Análises sobre os quinhentos e os seiscentos foram discutidas por historiadores e pesquisadores das Letras, interessados no regime colonial e na circulação de notícias entre o Velho e o Novo Mundo, mas não foram um objeto privilegiado da História do Livro no Brasil<sup>6</sup>.

Em contrapartida, o trabalho de Hallewell inaugurou debates fundamentais, uma vez que o campo dos estudos sobre o livro vinha sendo estudado, majoritariamente, por meio de reflexões da Literatura, como *Literatura e Sociedade* de Antonio Candido (1965), *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro* (1977) de Maria Beatriz Nizza da Silva e *Cultura de massas e cultura popular* (1977) de Ecléa Bosi. Outras perspectivas passaram a figurar as pesquisas acadêmicas, abrindo cada vez mais espaços para histórias editoriais, da circulação, do comércio, dos panfletos, da imprensa, e das leituras.

Paralelamente, essas novas temáticas também se ancoraram nas recentes traduções dos estudos de Roger Chartier, Jean Hébrard e Robert Darnton realizadas, sobretudo, pelos estudiosos da Educação e da Literatura, entre os anos 1980 e 1990. “Representação”, “prática”, “leitura”, “apropriação” e “circulação” se tornaram categorias cada vez mais discutidas na academia, tal como pode ser observado no artigo “Modelos culturais e representação: uma leitura de Roger Chartier” de Marta Carvalho e João Adolfo Hansen (CARVALHO; HANSEN, 1996). Sem dúvida, essas ferramentas teórico-metodológicas foram um substrato fundamental para o desenvolvimento de diversos trabalhos acerca do livro como objeto, tais como os de Márcia Abreu (no campo da Literatura), *Leituras no Brasil* (1995) e *Histórias de Cordéis e Folhetos* (1999); ou, no campo da História, os de Nelson Schapochnik, “Linguagem, sociedade e cultura na Europa Moderna” (1996) e “Um palácio de livros nos trópicos” (2003), e Marisa Midore Deaecto, *O Império dos Livros* (2011).

Embora os estudos sobre o livro tenham se popularizado e ampliado profundamente no Brasil, cabe evidenciar nossa aproximação quase unilateral desse tema: o mundo francês. Roger Chartier, Jean Hébrard, Jean-Yves Mollier, Frédéric Barbier, Gérard Genette, Henri-Jean Martin, Lucien Febvre, e Michel Melot foram (e continuam sendo) todos traduzidos para

---

<sup>6</sup> Podemos citar como exemplo os estudos realizados acerca da vida e obra do Padre Antônio Vieira, que se debruçaram sobre a retórica, a autoria, o público e a circulação de seus textos. Ver, entre outros: HANSEN, J. A.; PÉCORRA, A. Categorias retóricas e teológico-políticas das letras seiscentistas da Bahia. **Desígnio**, São Paulo, v. 5, p. 87-109, 2006. HANSEN, J. A. Para ler as cartas do Pe. Antônio Vieira (1626-1697). **Asas da Palavra (UNAMA)**, v. 10, p. 171-191, 2008.

o português. Ainda que Robert Darnton seja um representante da tradição Anglo-Saxã entre os acadêmicos brasileiros, seus principais estudos se voltam para a França do Antigo Regime. Ao mesmo tempo, grande parte das reflexões acerca do livro no Brasil se focam na profícua circulação de livros entre a França e o Brasil, ou no estabelecimento de editores franceses (como o caso de Garnier e Garroux, analisado por Deaecto).

Como indicado por Schapochnik na palestra intitulada “D.F. McKenzie no Brasil? Notas para a sua recepção crítica” proferida em 2016 durante o *II Seminário Internacional “A Arte da Bibliografia”*, McKenzie e suas perspectivas bibliográficas circularam muito timidamente no Brasil. Vale ressaltar que seu *Bibliografia e Sociologia dos Textos* foi traduzido para o português somente em 2018. Nossa aproximação de suas propostas a respeito da imbricação entre as formas e os conteúdos ainda é muito recente. Contudo, não pretendemos sugerir aqui que seria preferível um alinhamento às tradições anglófonas em detrimento das francófonas. Argumentamos, entretanto, a necessidade de conhecermos os debates da História do Livro em uma perspectiva mais ampla, contemplando também as contribuições da Bibliografia e dos estudos materiais. Mais do que isso, ressaltamos que o contato com múltiplas ferramentas e abordagens é fundamental para contribuir para a interdisciplinaridade da História do Livro no Brasil e no mundo.

### **Considerações Finais**

A principal atribuição da História do Livro talvez seja dar contribuições para o entendimento da comunicação nas diversas sociedades humanas ao longo do tempo. Sendo assim, outras mídias, outras abordagens, outras fontes, outras perspectivas e outros métodos não deveriam ser deixados de lado. Dessa forma, podemos afirmar, como Tenger e Trollander, que as tendências mais recentes

[...] assumem que a diversidade da mídia prosperou na Época Moderna, e isso destaca as interações da palavra falada, escrita e/ou impressa à luz dos contextos social e cultural dentro dos quais ocorriam. D. F. McKenzie, em seu artigo ‘Speech-Manuscript-Print’ (1990), já havia alertado aos acadêmicos para não negligenciar uma mídia às custas das outras. As monografias publicadas nos últimos 5 anos que tratavam sobre esses tópicos podem não explorar a totalidade do ‘espectro da comunicação’, mas a maioria leva em consideração mais do que uma só mídia (TENGER; TROLLANDER, 2010, p. 1043)<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> “[...] assumes that diverse media thrived in the early modern period, and it highlights the interactions of the spoken, written, and/or printed word in light of the social and cultural contexts within which they occur. D. F. McKenzie, in his article ‘Speech-Manuscript-Print’ (1990), had already called on scholars not to overlook one medium at the expense of the other. Monographs published within the last 5 years that address these topics may

Nesse sentido, a História do Livro, obviamente, não pode se ocupar de todas as mídias ao mesmo tempo, mas considerando a pluralidade de seu objeto e das questões lançadas a ele, faz-se necessário ter em vista a comunicação de forma mais ampla. Isso, por sua vez, só parece ser possível de se alcançar por meio da interdisciplinaridade, já tão característica da História do Livro, que complexifica as perguntas, problematizações e respostas oferecidas aos exames das produções, distribuições e recepções de discursos diversos.

### Referências Bibliográficas

- ABREU, Márcia. **Leituras no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- BARBIER, Frédéric. 1958: Henri-Jean Martin et l'invention de la "nouvelle histoire du livre". In: BARBIER, Frédéric; MONOK, István. **Cinquante ans d'histoire du livre de L'Apparition du Livre (1958) à 2008**. Budapest: Országos Széchényi Könyvtár, 2009.
- BARNARD, John; MCKENZIE, D. F. (ed.). **The Cambridge History of the Book in Britain**, Vol. IV: 1557 - 1695. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- BELO, André. **História, Livro & Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular: Leitura de Operários**. Petrópolis, Vozes, 2009.
- BOUZA-ALVAREZ, Fernando J. **Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- CARVALHO, M. M. C.; HANSEN, J. A. Modelos culturais e representação: uma leitura de Roger Chartier. **Varia Historia**, Belo Horizonte, n. 16, p. 7-24, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Brasília: UnB, 1994.
- CHARTIER, Roger. Materialidad del texto, textualidad del libro. **Orbis Tertius: Revista de Teoría y Crítica Literaria**, 11(12), 2006.
- CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (org.). **Histoire de l'édition française**. Tomes 1, 2, 3 & 4. Paris: Promodis, 1982-1986.
- DANE, Joseph A. **The Myth of Print Culture: Essays on Evidence, Textuality, and Bibliographical Method**. Toronto: University of Toronto Press, 2003.
- DAICHES, David (ed.). **The Penguin Companion to English Literature**. London: Penguin, 1969.

- DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- DARNTON, Robert. O que é a história do livro? – Revisitado. **ArtCultura**, Uberlândia, v.10, n.16, 2008, p. 155-159.
- DEAECTO, Marisa Midori. **O Império dos Livros**. Instituições e Práticas de Leituras na São Paulo Oitocentista. São Paulo: Edusp, 2011.
- DONDI, Cristina. The European printing revolution. In: SUAREZ, Michael F; WOULDHUYSEN, H. R (ed.). **The Book: A Global History**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Cap. 25. p. 197-204.
- DRABBLE, Margaret. **The Oxford Companion to English Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1932.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. **The Printing Press As an Agent of Change**: Communications and Cultural Transformations in Early-Modern Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan. (ed.) **A Companion to the History of the Book**. Malden, MA: WileyBlackwell, 2017.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- FINKELSTEIN, David; MCCLEERY, Alistair. **An Introduction to Book History**. New York: Routledge, 2013.
- FINKELSTEIN, David; MCCLEERY, Alistair (ed.). **The Book History Reader**. London: Routledge, 2006.
- FURET, François; ROCHE, Daniel; BOLLÈME, Geneviève [et al.]. **Livre et Société dans la France du XVIIIe siècle**, Vols. 1 & 2. Paris: Mouton, 1965-1970.
- GARONE GRAVIER, Marina, Cultura impresa colonial en lenguas indígenas: una visión histórica y regional. **Ensayos. Historia y teoría del arte**. Bogotá D. C.: Universidad Nacional de Colombia, 2010, nº. 18, p. 98-145.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: Sua História**. São Paulo: Edusp, 1985.
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: Sua História**. 2ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Edusp, 2005.
- HANSEN, J. A. Para ler as cartas do Pe. Antônio Vieira (1626-1697). **Asas da Palavra (UNAMA)**, v. 10, p. 171-191, 2008.
- HANSEN, J. A.; PÉCORRA, A. Categorias retóricas e teológico-políticas das letras seiscentistas da Bahia. **Desígnio**, São Paulo, v. 5, p. 87-109, 2006.
- HOWSAM, Leslie. **Old Books and New Histories: An Orientation to Studies in Book and Print Culture**. Toronto: University of Toronto Press, 2006.
- JOHNS, Adrian. **The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making**. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- LOVE, Harold. **Scribal Publication in Seventeenth-Century England**. Oxford: Clarendon Press, 2001.

MCKENZIE, D. F. **Bibliography and The Sociology of Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004 [1986].

MCKENZIE, D. F.. **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**. São Paulo: Edusp, 2018.

MCLUHAN, M. A **Galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Edusp, 1972.

MOLLIER, Jean-Yves. L'histoire du livre, de l'édition et de la lecture: bilan de 50 ans du travaux'. In: **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 8 a 11 de novembro de 2004.

O'CALLAGHAN, Michelle. Publication: print and manuscript. In: HATTAWAY, Michael (ed.). **A Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Oxford: Blackwell, 2001.

RAVEN, James. **What is the History of the Book**. Cambridge/Malden: Polity Press, 2017.

REIMÃO, Sandra. Estudos sobre a produção editorial e história dos livros no Brasil - algumas observações. In: **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 8 a 11 de novembro de 2004.

SCHAPOCHNIK, Nelson. D. F. McKenzie no Brasil? Notas para a sua recepção crítica. In: **II Seminário Internacional: A Arte da Bibliografia: História, Natureza e Relações (Inter)Disciplinares**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da USP, 03 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.fea.usp.br/en/node/123157>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Linguagem, sociedade e cultura na Europa Moderna. **Revista USP**, São Paulo, v. 28, p. 261-263, 1996.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Um palácio de livros nos trópicos: metáforas, projetos e concretizações. **Projeto História (PUCSP)**, São Paulo, v. 26, p. 93-115, 2003.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

TENGER, Z.; TROLANDER, P. From Print versus Manuscript to Sociable Authorship and Mixed Media: A Review of Trends in the Scholarship of Early Modern Publication. **Literature Compass**, 7, 11, p. 1035-1048, 2010.

WERNECK, Nelson Sodré. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2004.

WOUDHUYSEN, H. R. **Sir Philip Sidney and the Circulation of Manuscripts: 1558-1640**. Oxford: Calderon Press, 2003.